

## Homilia Transladação D. José Joaquim Ribeiro

Reunimo-nos neste dia para um momento singular de fé, memória e gratidão: a transladação dos restos mortais de D. José Joaquim Ribeiro, bispo de Díli (1966-1977), filho do Alentejo, pastor incansável do seu povo e defensor incansável da dignidade humana.

A Palavra de Deus, por nós acolhida, ilumina a vida daquele que agora recordamos, para que o seu testemunho continue a gerar esperança em nossos dias.

Na conjugação das leituras proclamadas, podemos encontrar três pilares espirituais: a fé inabalável de Job, que não se rende à noite escura e tenebrosa do sofrimento; a certeza inabalável de S. Paulo, de que nada nos pode separar do amor de Deus; e as Bem-Aventuranças, como estilo de vida que revelam a verdadeira felicidade dos que confiam no Senhor.

A primeira leitura apresenta um dos momentos mais profundos de toda a Escritura: Job, em meio à dor, à injustiça e à incompreensão, proclama uma das maiores afirmações de fé do Antigo Testamento: *“Eu sei que o meu Redentor está vivo”* (Job 19, 25a). É a Fé que nos sustenta na provação. É a Fé que resiste mesmo quando tudo carece de sentido. Na vida de D. José Joaquim esta verdade torna-se, como que “carne e osso”. Nascido nas terras simples de Degolados, em Campo Maior, a 4 de fevereiro de 1918, o seu caminho foi marcado pelo serviço generoso ao Alentejo e, depois, pela missão inesperada em Timor-Leste, que o conduz a atravessar “noites escuras” semelhantes às de Job. Após a sua formação no seminário de Évora, é ordenado sacerdote a 25 de agosto de 1940, na Capela do Carmelo de Fátima. E no dia 8 de maio de 1957 é nomeado cônego da Sé de Évora. Um ano mais tarde, é sagrado bispo auxiliar do Arcebispo de Évora, por D. Manuel Trindade Salgueiro, a 27 de abril de 1958. Porém, os desafios ainda estavam nos primórdios, pois no ano de 1965 é nomeado Bispo coadjutor de Díli, com direito a sucessão e o rumo da sua vida muda radicalmente. Ao chegar a Timor – terra que ele abraça sem reservas, afirma: *“Vim eu e comigo veio tudo o que era meu – para a Diocese de Díli trago tudo o que sou e tudo o que tenho para me pôr incondicionalmente ao serviço da Igreja em Timor”*<sup>1</sup>. Encontra um povo pobre, sofrido, e mais tarde brutalmente

---

<sup>1</sup> SEARA: Suplemento Semanal do "Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli", ano 1, 3.ª série, n.º 6, (23 de fevereiro de 1966), p. 8.

esmagado pela violência da guerra. Contudo, como Job, não desiste de acreditar que Deus caminha com os que sofrem.

As páginas que relatam o seu episcopado mostram-no “*de batina branca, faixa vermelha e cruz peitoral*”<sup>2</sup>, percorrendo as ruas da Díli aterrorizada, “*visitando as famílias*”, aproximando-se dos feridos, denunciando injustiças, sendo ele próprio perseguido e até agredido. Isto não revela uma fé triunfalista. Mas uma fé lutada, construída com lágrimas, uma fé passional, uma fé de paixão dolorosa e uma fé florida em Páscoa libertadora.

Na passagem da Carta aos Romanos, São Paulo enumera as forças que tentam esmagar o ser humano – angústia, fome, perseguição, perigo, espada — e ousa afirmar que nenhuma delas pode destruir o vínculo entre o Deus e o discípulo que ama: “*Nada poderá separar-nos do amor de Deus (Rom 8, 35.39)*”. Estas palavras ganham relevo quando discernidas no drama do povo timorense e no papel profético de D. José Joaquim. Perante a violência, os desaparecimentos, a opressão, a fome e o medo que abateu Timor-Leste, o Prelado não foge covardemente, pois “*se Deus é por nós, quem será contra nós?*” (Rom 8, 31). Antes, assume publicamente, com coragem, a defesa do povo tornando-se – como testemunham vários relatos – a única autoridade capaz de se impor moralmente ao invasor.

O amor cristão vive-se nele como ousadia, mas também como resignação aos limites humanos e circunstanciais permitidos pela Providência. O mesmo amor abrasado que o leva a nunca desanimar, lava-o, em maio de 1977, ao ato heroico de pedir a resignação ao Santo Padre, o Papa Paulo VI. A sua dor profunda perante a incapacidade limitadora de saúde, é expressa nestas palavras “*Sinto-me numa grande tristeza porque deixo o povo de Timor num grande sofrimento*”<sup>3</sup>. O amor que não abandona é sempre pascal: sofre, mas permanece fiel e espera a Ressurreição vitoriosa.

No Evangelho deparamo-nos com as bem-aventuranças (*Mt. 5, 3-12*), um autêntico retrato do verdadeiro discípulo. Os traços da vida de D. José Joaquim identificam-se com as bem-aventuranças evangélicas. *Bem-aventurados os pobres em espírito*: O Bispo de Díli

---

<sup>2</sup> João Felgueiras, S.J., e José Alves Martins, S.J., (2010), NOSSAS MEMÓRIAS DE VIDA EM TIMOR, 2.ª edição, Braga, Editorial do Apostolado da Oração, p. 58.

<sup>3</sup> SEARA: Suplemento Semanal do “Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli”, ano 1, 3.ª série, n.º 6 (23 de fevereiro de 1966), p. 1.

despreza os privilégios e vive na simplicidade. Coloca-se totalmente ao serviço “*com o que era seu, para ser de todos*” em Timor. *Bem-aventurados os que choram*: Ele chora o sofrimento de um povo ao qual se une de alma inteira. *Bem-aventurados os misericordiosos*: Funda obras para pobres, forma jovens, cria casas de acolhimento, abre portas a congregações, impulsiona iniciativas sociais. *Bem-aventurados os mansos e Bem-aventurados os puros de coração*: humildade, pureza de intenção e mansidão confundem-se, interlaçam-se, completam-se. D. José afasta-se dos “focos” da atenção pública, refugia-se na simplicidade da vida quotidiana quando retorna a Portugal, em 1977, esquece-se do esplendor da sua missão, oculta-se das entrevistas, centra-se na oração e meditação e morre, às 15 horas do dia 27 de julho de 2002, na paz dos que mansamente a Deus se confiam. *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça e Bem-aventurados os que promovem a paz*: que mensagem transmite a evangelização e a missão episcopal de D. José em Timor senão uma constante luta pela justiça social, pelo respeito às diferenças e ao valor humano e pela promoção da paz entre os povos? *Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça*: O seu testemunho é incômodo. Por ter defendido a fé, a vida como dom sagrado e, consequentemente, a intrínseca dignidade humana é vigiado, ameaçado, esbofeteado, forçado ao exílio. Porém, não desanima, não se desespera e ergue-se cada dia com coragem porque recorda as palavras de Jesus: “*Alegrai-vos e exultai, porque grande é a vossa recompensa no céu*” (Mt. 5, 12). As bem-aventuranças não descrevem fraqueza, mas, isto sim, a coragem cristã que brilha nos momentos mais sombrios da história.

O legado de D. José Joaquim, algo importante a destacar nesta celebração, não se restringe a um espólio singelo guardado em Vila Viçosa. A memória desta vida cristã é semente. Recordar D. José Joaquim é deixar que o seu testemunho reacenda a nossa esperança, num tempo também marcado por conflitos, polarizações, guerras e descrença. A fé cristã não é fuga da realidade. É encarnação. O Bispo de Díli encarnou a fé no Alentejo e, mais tarde, em Timor e pede de nós uma encarnação para os nossos contextos atuais. Que o seu testemunho de Fé incendei os corações vacilantes e assustados daqueles que hoje têm missão semelhante e continue a iluminar a Igreja de Évora, os irmãos de Timor-Leste, e todo o povo cristão.

Assim seja.